

PRETO VS. BRANCO: FUTEBOL, COMEMORAÇÕES DE 13 DE MAIO E AS ASSOCIAÇÕES DE HOMENS DE COR DO ESTADO DE SÃO PAULO

Willian Robson Soares Lucindo¹

Resumo: O presente trabalho é parte de uma pesquisa de doutoramento em história, em que se analisam as festas e comemorações organizadas por associações de homens de cor no Estado de São Paulo. Uma atividade frequente nas comemorações de 13 de maio é o duelo entre brancos e negros em partidas de futebol. A leitura de atas de reuniões de associações de homens de cor mostra que seus dirigentes se empenharam muito em organizar esse tipo de evento, seja realizando bailes e festas para arrecadar fundos, seja articulando-os com organizações políticas e esportivas da região. Algumas vezes, a verba arrecadada era usada para trazer jogadores ou um time completo de outra cidade, além de cobrir gastos como o aluguel de um campo. Na Imprensa Negra, esses jogos eram exaltados e, principalmente, em caso de vitória dos pretos, usados para exemplificar a potencialidade da população negra em contraponto à situação de marginalização em que a maioria vivia. Desta forma, pretende-se analisar como essas partidas estavam inseridas nas lutas por direitos de cidadania no pós-Abolição.

Palavras-chaves: Festas, Futebol, Pós-Abolição, Associações de Homens de Cor, Estado de São Paulo.

SURGIMENTO DAS ASSOCIAÇÕES DE HOMENS DE COR

Desde a segunda metade do século XIX, tornaram-se comuns no Brasil organizações de ofícios, étnicas, beneficentes e de ajuda mútua. Africanos e seus descendentes não ficaram alheios a essa inovação e também tentaram se organizar coletivamente, o que até causou alguns temores (CHALHOUB, 2007). No início do século XX, em São Paulo, grande quantidade de associações que foi criada por negros: 123 ou 89 de acordo com Regina Pahim Pinto (2013) e Petrônio Domingues (2004), respectivamente. O mais antigo Clube Social Negro é o *Clube Beneficente Cultural e Recreativo Jundiense 28 de Setembro*, fundado em 1897 com o objetivo de celebrar a data da promulgação da lei 2.040/71, que ficou conhecida como Lei do Ventre Livre e, entre os homens de cor, o dia da Mãe Preta.

A maioria das associações de homens de cor tinha como objetivo festejar a Abolição da escravatura, 13 de maio, criar e manter escolas e fundos de beneficência para seus sócios e

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP, professor da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, bolsista FAPESP Processo N°2015/21428-4. wrs10202@hotmail.com

familiares, e realizar bailes, que foi a atividade mais frequente e a forma como conseguiam arrecadar dinheiro. Em São Paulo, muitas associações fundaram periódicos para divulgar suas ações e propostas, e também havia outros jornais negros sem vínculo formal com qualquer associação, mas que tinham entre seus articulistas dirigentes das diversas associações, como Frederico Baptista e Benedito Florêncio. Assim, a Imprensa Negra da Primeira República noticiava a vida associativa e expressava a opinião do grupo de negros que frequentava esses espaços.

Através dos jornais negros e dos registros de atas das reuniões das associações, nota-se que essas organizações de homens de cor foram usadas para construir uma nova imagem do negro, inclusive para refutar esse termo. Como aponta Livia Maria Tiede

Os homens de cor se incomodavam de serem considerados "negros" e, portanto, tentaram criar uma nova imagem para o negro na sociedade, associada a ideais diferentes dos impostos pela ideologia senhorial aos escravos e aos descendentes destes. Para eles, assumir a identidade racial de homem de cor poderia significar também assumir uma postura política que fazia frente à imagem do negro vadio (2006, p. 70)

Nos jornais de grande circulação, os negros apareciam não só como vadios, mas também como suspeitos de crimes, incapazes e inconsequentes. Livia Maria Tiede (2006) e Lilia Schwarcz (1987) apontam que a narrativa desses jornais construía uma imagem do “negro dependente”, que não conseguia tomar decisões racionais por conta própria. Seja quando cometia algum crime, seja em situações em que eram prejudicados, as notícias faziam parecer que agiam por motivos fúteis e “essa constante na imprensa criava uma imagem de que os negros eram, em geral, estúpidos por natureza” (TIEDE, 2006, p.80). Isso fazia parte do processo de racialização no pós-Abolição, em que as categorias hierárquicas e a identidade racial negra foram atualizadas a fim de manter os antigos escravizados e seus descendentes distantes da condição de cidadãos.

Por isso, a identidade de pessoas de cor era usada por um grupo de negros que desejava apresentar de forma diferente a imagem do negro vinculada ao racismo científico. As associações criadas nesse período eram usadas para o encontro dessas pessoas, por esta razão a boa conduta era fundamental para fazer parte de seus quadros associativos. Segundo o

estatuto da *Sociedade Beneficente “13 de Maio”* de Piracicaba, por exemplo, poderia “fazer parte desta [Sociedade] todo indivíduo que tenha noção do que seja respeitabilidade e cumprimento dos seus deveres”, após o julgamento e aprovação da diretoria². Além de ter um comportamento adequado reconhecido publicamente, os membros das associações de homens de cor também tinham a obrigação de vigiar seus pares. A vigilância acontecia internamente, como no caso do *Clube Smart*, em que os sócios que tinham o dever de “denunciar qualquer ato prejudicial ao andamento, ao bom nome do centro”³, e de forma pública nos jornais em sessões especiais de desaprovação. O periódico *O Alfinete* ficou conhecido por “dar alfinetadas morais” nas pessoas de cor que cometiam algum deslize.

AS FESTAS DE 13 MAIO

As associações de homens de cor deram a seus participantes a respeitabilidade e distinção que procuravam, e isso pode ser notado em suas comemorações. Em 1901, *A Gazeta de Piracicaba* noticiou que, comemorando a chegada no novo ano, “percorreu as ruas da cidade, a 1º do corrente [mês], um bando de pretos, à imitação da nação dos caiapós, em danças e marchas ao som de buzinas e de outros instrumentos característicos, divertindo o Zé do povo”⁴. O notável tom desdenhoso deste trecho não aparece em notícias sobre as comemorações da *Sociedade Beneficente “13 de Maio”*, ao contrário, o tom respeitoso é constante nas matérias em que ela é citada, como no exemplo abaixo:

Disse-nos o sr. Luiz Araújo, presidente da Sociedade Antônio Bento [nome da Sociedade 13 de Maio em seus 7 primeiros anos] que este ano [1904] será festivamente comemorada a data da lei áurea.

Constarão os festejos de alvorada e foguetes e à tarde grande passeata cívica pela cidade.

Embora com limitado número de sócios esta patriótica associação não deixa passar despercebida a data, merecendo, por isso, a simpatia pública⁵

Em 1908, quando essa sociedade já havia trocado de nome, a notícia da comemoração evidencia o respeito e os laços mantidos com outras entidades da cidade.

² Sociedade Beneficente 13 de Maio. Estatuto. 26 mai. 1901. Livro Ata 1. fl.4.

³ **Estatuto do Centro Recreativo Smart**, 26 jan. 1925. Arquivo do Estado de São Paulo (AESP), Primeiro Cartório de Registro de Imóveis da Comarca da Capital – Sociedade Civil. cx. C10451, maço 1101. Fl. 2.

⁴ *Gazeta de Piracicaba* 06 jan. 1901.

⁵ *Gazeta de Piracicaba* 01 mai. 1904.

Com grande animação a “Sociedade 13 de Maio”, comemorou esta memorável data nacional.

Às 7 horas da noite partiram com os sócios desta sociedade, da rua S. Cruz conduzindo o retrato de Luiz Gama, para a sede social.

As salas dessa sociedade estavam todas enfeitadas, onde o sr. Dr. Ozório de Souza e outros oradores pronunciaram eloquente discurso.

(...) Seguiu-se a sessão cívica, na qual compareceram os representantes das sociedades e imprensa local. (Sociedade Hespanhola, “Gazeta”).

O representante da Gazeta discursou “mostrando aos associados o caminho que eles devem seguir para que no futuro possam aspirar uma posição mais condigna; sendo muito aplaudido”⁶.

A comemoração serviu, segundo a notícia, como um momento de instrução, em que o representante do periódico mostrou “o caminho” para que os membros alcançassem uma posição melhor. Na ata desta sessão solene, há a informação de que nessa ocasião também estiveram presentes representantes das sociedades “Italiana Mutuo Socorro, Barão de Rio Branco, Beneficente Espanhola, Beneficente Portuguesa, Beneficente Operária” e membros da redação do *Jornal de Piracicaba*⁷. Assim, esta associação esteve inserida no grupo de associações da cidade, gozando de certo prestígio. Entretanto, a sua participação exigia negociações constantes.

Ainda de acordo com a ata da sessão solene de 1908, o nome da sociedade continuava sendo “Antônio Bento”, e o retrato deste abolicionista também foi pendurado ao lado de Luiz Gama. Os historiadores Eliana T. Terci e José F. de Oliveira (1991) relatam que, segundo as entrevistas feitas por eles com antigos membros, o nome do abolicionista causava polêmica na cidade, por ser considerado um radical. Os dois autores informam que “com o auxílio de depoimentos orais, conseguimos apurar que, nesta polêmica em torno do nome da associação, houve a ingerência de famílias importantes de Piracicaba, que preferiam o nome ‘13 de Maio’ àquele que rendia homenagem ao agitador radical” (p.15).

Isso ajuda a entender um pouco melhor as informações desconstruídas sobre esta solenidade. A ata é iniciada como uma “sessão solene da sociedade Luiz Gama, digo da Sociedade Antônio Bento Beneficente, inaugurando-se nela os retratos dos obliteráveis Patriarcas da Liberdade – Antônio Bento e Luiz Gama”. No dia 07 de maio a *Gazeta de Piracicaba* noticiava o programa da festa, informando que “às seis horas da tarde sairão da rua Santa Cruz, nº 40 os sócios da Sociedade ‘Luiz Gama’ em marcha *aux flam beaux*, com

⁶ 13 de Maio. *Gazeta de Piracicaba*. 15 mai. 1908.

⁷ Sociedade Beneficente 13 de Maio. Sessão Solene. 13 mai. 1908. Livro Ata 1, fl. 45.

destino à sede social, onde os aguardará o distinto orador dr. Osório de Souza”⁸. Este é o mesmo programa encontrado na ata, inclusive com o mesmo orador, portanto é a mesma comemoração. Nesta notícia, o retrato de Antônio Bento não é mencionado.

Mais do que interpretações diferentes dos “heróis” da abolição, o caso da troca de nome indica a existência de tensões e negociações entre os membros do *13 de Maio* e entre eles e outros interesses da sociedade piracicabana.

A participação de membros da elite local em associações de homens de cor ocorreu em outras cidades também. Na cidade de Campinas, por exemplo, a *Federação Paulista dos Homens de Cor* organizou sua primeira celebração de 13 de maio em 1907, e teve entre seus convidados um dos líderes do *Partido Republicano Paulista* da cidade, o dr. Antônio Álvares Lobo, e o proprietário do jornal *Diário de Campinas*, Antônio Sarmento. Este, inclusive, presidiu a sessão na sede da *Federação* e fez o discurso de encerramento⁹. Além deles, estiveram presentes representantes da *Sociedade Beneficente Luiz Gama* – uma associação de homens de cor – *Circolo Italiano*, *Sociedade Beneficente União dos Padeiros*, *Liga Operária*, *União da Juventude*, *Clube Atlético Recreativo*, *Sociedade Humanitária Operária*. A presença de convidados ilustres é curiosa porque as festas em homenagem à Abolição deixam de ser notícia em meados da década de 1890, e voltaram exatamente com esta comemoração, que não contou com auxílio oficial, “injustamente negado”, de acordo com o articulista da *Cidade de Campinas*.

As comemorações das associações de homens de cor eram conduzidas de forma semelhantes aos ritos cívicos republicanos da época. Geralmente, pela manhã fazia-se a salva de 21 tiros, um pouco mais tarde, realizava-se missa em homenagem aos abolicionistas seguida de uma romaria pelas principais ruas da cidade cumprimentando a imprensa, em alguns casos, como na cidade de São Paulo, visitavam-se os túmulos dessas personalidades históricas. Durante a noite as sedes, ou salões alugados, eram abertos para os convidados e sócios, eram feitas as sessões solenes com discursos sobre a importância da lei de 13 de maio de 1888 e a participação dos negros desde os tempos escravistas até o momento da celebração; por fim, serviam-se comidas e bebidas e iniciava-se um baile.

⁸*Gazeta de Piracicaba*. 07 mai. 1908.

⁹PEREIRA, José Galdino. *Os negros e a construção da sua cidadania: estudo do Colégio São Benedito e da Federação Paulista dos Homens de Cor de Campinas - 1896 a 1914*. 2001. 201p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000281968>>. pp.89-90.

A adoção dessas práticas fez com que as comemorações das associações de homens de cor não fossem ridicularizadas e nem ausentes nas páginas dos jornais, como aconteciam com as celebrações anteriores ao seu surgimento. Alguns homens de cor também conseguiram alcançar posição profissional de destaque, como Benedito Florêncio que foi jornalista nos principais jornais de Campinas. Este membro da *Federação Paulista dos Homens de Cor* sempre noticiou as atividades de sua associação no *Comércio de Campinas*. Em 1909, por exemplo, a cobertura da preparação da festa de 13 de maio começou um mês antes do evento. As alianças com políticos locais e jornais de ampla circulação eram fundamentais para legitimar a cidadania dos homens de cor.

Além disso, a Imprensa Negra enfatizava a forma ordeira com que aconteciam estas celebrações. Então, foi comum informar que estas festividades nas associações de homens de cor ocorriam em perfeita “harmonia” e, quando surgia algum incidente, a diretoria sabia de “pronto balancear a situação”; que o banquete fora servido “de forma adequada”; e que o baile aconteceu ao som de uma orquestra ou *Jazz-band* “bem organizada”. Mais do que um estilo de escrita, pode-se entender o uso dessas expressões entre os homens de cor como uma forma de reforçar a distinção entre ser pessoa de cor e um negro recém liberto, cuja imagem era negativa.

Em 1915, a festa de 13 de maio em Campinas começou a perder apoio. A partir deste ano não houve mais marchas e desfiles pelas ruas, por falta de autorização da prefeitura, as celebrações da *Federação Paulista dos Homens de Cor* ficaram restritas a sua sede e a cada ano receberam menor apoio de políticos, que passaram a homenagear antigos republicanos ilustres. Com isto, as celebrações pelo fim do sistema escravista ficaram cada vez mais restritas às associações de homens de cor, que, por sua vez, intensificaram o intercâmbio entre si. Surgiu, neste mesmo ano, o *Black Team*, time de futebol composto por “atletas” do *Centro Cívico dos Homens de Cor*, *Federação Paulista dos Homens de Cor* e do *Centro 13 de Maio*. Este time só realizava partidas comemorativas, principalmente contra selecionados de brancos.

OS JOGOS DE FUTEBOL

Em 1915, surgiu nas programações de festas de 13 de maio partidas de futebol entre times formados por homens de cor contra brancos. Nas cidades de Campinas e Piracicaba isto

ocorreu com o fim das marchas cívicas. Geralmente, os times eram formados por membros de diversas associações, que se encontravam somente para estes jogos. Os primeiros clubes de futebol formados exclusivamente por homens de cor surgiram, também, neste momento e com a intenção de realizar partidas festivas, como o *Black Team*, de Campinas, *Grêmio Esportivo 28 de Setembro* ou *28 de Setembro Futebol Clube*, da capital paulista. Em 1917, fundou-se na cidade de São Paulo a *Associação Atlética São Geraldo*, que também realizava partidas festivas, mas tinha como seu principal objetivo participar de competições municipais organizadas pela *Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA)* e *Liga de Amadores de Futebol (LAF)*.

Na segunda metade da década de 1920, as notícias sobre os times de futebol de homens de cor deixam de ter informações somente sobre partidas comemorativas e começam a trazer comentários sobre as partidas realizadas nas ligas amadoras. Assim como no caso das festas, é possível observar um caráter político nas narrativas sobre as partidas de futebol, mas não era a disciplina ou a ordem dos eventos que eram destacados nos jornais negros. O foco eram as conquistas desses times, que remetiam às “potencialidades, ao poder de realização e à capacidade e superação do negro na sociedade brasileira” (DOMINGUES, 2015, p.373).

Deste modo, em 1929, *O Progresso* exaltava a história da conquista do módulo intermediário da Copa do Centenário da Independência do Brasil pelo *São Geraldo*, em 1922, destacando o respeito que tinha na cidade e que “os seus embates (...) marcaram tardes que acordam recordações que os anos não conseguiram fazer esquecer”¹⁰. Por conta desta conquista, a Imprensa Negra passou a chamar o time de Campeão do Centenário, deixando de fora a informação de que a taça conquistada não era a do módulo principal, que fora conquistada pelo *Sport Club Corinthians Paulista*. No ano de 1934, Deocleciano Nascimento, um poeta e articulista que atuou em diversas associações de homens de cor, em especial no *Clube Dançante XV de Novembro*, “narrou” como teria sido a final desta copa no periódico *A Voz da Raça*¹¹.

Ainda em 1929, em setembro, *O Progresso* voltava a exaltar o time, quando tratava de sua participação no campeonato da *LAF*, afirmando que “Associação Atlética São Geraldo é uma das agremiações de homens pretos que, no esporte, tem sabido não só na capital, como

¹⁰*O Progresso*. 23 jul. 1929

¹¹*A Voz da Raça*, 28 abr. 1934

em todo o Estado, honrar [de] sobremaneira o nome do negro brasileiro”¹². Não era só o passado de glória que mexia com o brio dos homens de cor, os feitos em partidas amistosas e do campeonato em curso também eram celebrados. Para tratar da vitória do *São Geraldo* sobre a *Associação Atlética Colombo*, informava o jornal *Auri Verde* que a última “não deu para a saída, pois a negrada sapecou-o por 5 a 0”¹³. Em Piracicaba, a derrota do segundo quadro do clube *28 de Setembro*, por uma diferença maior do que essa, foi amenizada pelo jornal *O Patrocínio*, que simplesmente informou: “nos segundos quadros, o 28 perdeu apenas por 6 a 0”¹⁴.

O fato de existir times de homens de cor nas ligas amadoras não fez desaparecer as partidas comemorativas de “pretos contra brancos”. Esses eventos continuaram a aparecer nos programas de festas das associações de homens de cor. A diretoria da *Sociedade Beneficente 13 de Maio* de Piracicaba, por exemplo, informou, através do jornal *O Patrocínio* de abril de 1928, que estava “organizando uma partida de futebol, dos elementos pretos contra os brancos”, que seria “disputada, provavelmente no campo do *XV de Novembro*”. Ainda, em sua sede social teria apresentações de cantos e peça, que já estava sendo ensaiada¹⁵. Neste mesmo ano, 1928, na capital paulista, “dois jogos de futebol: um na LAF e outro na APEA” seriam realizados “para comemorar o dia 13 de maio, data gloriosa do povo brasileiro”. No ano anterior, informava *O Auriverde*, a LAF organizou este tipo de confronto, com vitória dos “negros”, por isto o periódico mantinha esperanças de um novo resultado positivo¹⁶. Provavelmente, o desejo dos homens de cor foi atendido, pelo menos em parte. Em setembro, *O Progresso* publicava o texto intitulado “Os pretos estão na pontinha!”, informando que “o combinado preto da LAF” nos dois últimos anos tinha vencido o “quadro branco e demonstrado ser um dos melhores conjuntos de São Paulo e, talvez, do Brasil”. E, ainda, que os pretos ganhariam novos reforços para as próximas partidas, com a chegada de “Cambuí, da *Ponte Preta*; Petro, Pedrinho, Ferreira e Assumpção, do *Independência*; Gibi, do *S. Bento*; e Cachimbo, do *C. A Brasil*”¹⁷.

¹²*O Progresso*, set. 1929

¹³*Auriverde*, 15 abr. 1928.

¹⁴*O Patrocínio*, 07 jul. 1929

¹⁵*O Patrocínio*, 07 abr. 1928.

¹⁶*Auriverde*, 13 mai. 1928.

¹⁷*O Progresso*, 07 set. 1928.

Dentre os clubes citados pelo jornal, somente o *Clube Atlético Brasil* fazia parte da rede de associações de homens de cor. Isso acontecia porque não havia proibição formal à presença de negros nos times de futebol. Segundo as memórias do militante José Correia Leite, as grandes agremiações do futebol paulista dificultavam e restringiam o número de jogadores de cor. Além disso, geralmente, eles podiam fazer parte do time, porém eram impedidos de ser sócios e de participar de eventos nas sedes destes clubes (CUTI e LEITE, 1992, p.26). Este tipo de denúncia foi feita por um membro da *Associação Atlética Palmares*. Em entrevista concedida em 1931 no jornal *Clarim d'Alvorada*, periódico fundado por Correia Leite e Jaime Aguiar, o senhor Alcides Hortêncio dizia que eram necessárias agremiações esportivas negras para que “seus associados, atletas e futebolistas, possam aperfeiçoar suas culturas físicas sem reacear preconceitos como há em muitas agremiações esportivas”, que só aceitavam este tipo de atleta quando “eram bom elementos” que poderiam elevar o clube¹⁸. A restrição ao número de jogadores negros acontecia, segundo o estudioso de futebol Mazzoni, porque para alguns dirigentes era o “jogador de cor, inadaptável à técnica e à ciência do futebol clássico” (1966, p.159).

Ainda cabe destacar a relação da *Ponte Preta* com as associações de homens de cor. Não é possível afirmar que o jogador Cambuí era da associação atlética de Campinas, porque depois de sua fundação, em 1900, até os dias de hoje foram criadas muitas outras agremiações com o mesmo nome e escudo. No entanto, o mais antigo time de futebol em atividade no Brasil teve entre os seus fundadores um jovem negro, Miguel do Carmo, que também foi seu jogador e diretor. E ele não foi o único. Na foto do primeiro time da *Ponte Preta* é possível notar a presença de pretos e mulatos, isso porque o time usava jogadores do bairro de mesmo nome, marcado pela presença de operários, mascates, ferroviários (profissão de Miguel do Carmo), trabalhadores em sua maioria negra e imigrante. Por conta da presença de pretos e mulatos, o time circulou pelo Estado de São Paulo realizando partidas de futebol amistosas com outros times de associações de homens de cor.

Os times de futebol de homens de cor entraram em decadência em meados dos anos de 1930, quando os clubes começaram a pagar seus jogadores. O *Grêmio Recreativo e Familiar “Flor de Maio”*, da cidade de São Carlos, foi entre os anos de 1928 e 1929 sede da liga amadora da cidade, e em 1932 não conseguiu formar um time para disputar o campeonato da

¹⁸O *Clarim da Alvorada*, 26 jul. 1931.

cidade, gerando revolta na imprensa local¹⁹. Suas atividades esportivas a partir de então ficaram restritas às partidas amistosas, em alguns momentos completaram seu time com sócios que jogavam por outro clube, em outros aproveitaram visitantes de associações de homens de cor de outra cidade e, até mesmo, arrecadaram fundos por meio de bailes para trazer jogadores ou um time completo de homens de cor para realizar partidas em suas festividades. O *São Geraldo* conseguiu manter suas atividades esportivas, ao que tudo indica, até a primeira metade da década de 1940, segundo Petrônio Domingues, mas as notícias sobre times de futebol de homens de cor desaparecem no início dos anos 1930. Até mesmo as partidas “pretos contra brancos” desaparecem em 1939, segundo Bruno Abrahão e Jorge Soares. Desde a década de 1970, este tipo de partida voltou a ser realizada em finais de semana próximo ao Natal.

REFERENCIA

CHALHOUB, Sidney. Solidariedade e liberdade: sociedades beneficentes de negros e negras no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. In: Olívia Maria Gomes da Cunha; Flávio dos Santos Gomes. (Org.). **Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil**. 1ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CUTI; LEITE, José Correia. (orgs). *...E Disse o Velho Militante José Correia Leite: depoimentos e artigos*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.p.26

DOMINGUES, Petrônio. O ‘campeão do Centenário’: raça e nação no futebol paulista. **História Unisinos**, v. 19, p. 368-376, 2015. p. 373

MAZZONI, T. Futebol pioneiro e bandeirante. In: M. PEDROSA (org.). **O olho na bola**. Rio de Janeiro, Editora Gol, 1968. p.159.

PEREIRA, José Galdino. **Os negros e a construção da sua cidadania: estudo do Colégio São Benedito e da Federação Paulista dos Homens de Cor de Campinas - 1896 a 1914**. Campinas, 2001. 201p. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1987.

¹⁹*Correio de São Carlos*, 14 jan. 1932; 27 fev. 1932; 6 abr.1932; 10 abr. 1932



TIEDE, Livia Maria. **Sob suspeita: negros, pretos e homens de cor em São Paulo no início do século XX.** Campinas, 2006. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.